

Missão da Igreja: uma questão de estilo para transgressão ou conversão?

*Fábio Luiz Ribeiro*¹

Resumo: Refletir sobre sínodo e sinodalidade nos leva a abordar questões eclesiais que vão desde a ativação de processos de mudança para estruturas ainda não totalmente identificadas, até o que pode parecer uma evaporação das fronteiras da comunidade eclesial para culminar com a revisitação das formas de exercício da autoridade. O escopo deste trabalho é analisar que “Caminhar juntos” é um conceito fácil de colocar em palavras, mas não de colocar em prática, pois implica a questão da identidade. Refletimos sobre a identidade da Igreja que é comunhão, mas não pode permanecer voltada internamente, estando ao serviço da missão.

Palavras-chave: Sínodo. Igreja. Identidade eclesial. Papa Francisco. Comunhão.

INTRODUÇÃO

Na Igreja a palavra de destaque do momento é “sínodo”. Embora seja muito atual, “sínodo” continua sendo um termo difícil de manusear, que remete ao léxico técnico de teólogos e canonistas. Não somos ainda capazes de ler seu significado etimológico na transparência de “caminhar juntos”, como consegue fazer com grande naturalidade o Papa Francisco, que, não por acaso, fez do “sínodo” uma palavra-chave do seu pontificado. Caminhar juntos imediatamente transmite duas características fundamentais, mantendo-as unidas. A primeira é o dinamismo de movimento, de um processo que aponta para a mudança. Quem quer que tudo permaneça como está, não se coloca a caminho. A segunda é expressa pela palavra “juntos”: o processo sinodal se põe na linha da construção de um “nós”. Com efeito, em muitos aspectos é a tradução eclesial daqueles que o Papa Francisco, dirigindo-se também àqueles que não fazem parte da Igreja, chama “processos que possam construir um povo capaz de colecionar as diferenças” (FT, 217). Um mundo fragmentado como o nosso, precisa desesperadamente ver que eles são realmente possíveis processos de encontro real entre as diferenças, sem que nenhuma seja negada ou esmagada. Por isso, uma Igreja sinodal é imediatamente também um sinal profético “de íntima união com Deus e unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1).

A esta luz, vale a pena tentar focar no que está em jogo nos processos que nós, como Igreja, estamos empreendendo, um modo de viver com consciência os eventos aos quais somos todos convidados a participar e acolher aquela que para a comunidade cristã constitui

¹ Doutorando em Teologia Dogmática pela PUC-SP. Possui especialização em Psicopedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC (2018) e mestrado em Teologia pela PUC-SP (2020). Contato: fabioosm@gmail.com

uma grande oportunidade de colocar-se em contato com sua própria identidade e questionar como realizar, de forma mais eficaz, a missão de evangelização, que é a sua razão de ser.

O título do Sínodo 2021-2023 nos oferece um bom ponto de partida, que é a expressão “Igreja sinodal”. Embora possa parecer uma sutileza lexical, é essencial esclarecer que não estamos iniciando um sínodo sobre o sínodo, entendido como um dispositivo organizacional com suas regras e seus ritmos. O objeto, por outro lado, é a sinodalidade, que a Comissão Teológica Internacional nos lembrou ser “uma dimensão constitutiva da Igreja, que através dele se manifesta e se configura como Povo de Deus em caminho e uma assembleia convocada pelo Senhor ressuscitado” (CTI, 2018, n. 42). No número 70 deste mesmo documento sublinha como esta dimensão constitutiva se articula em três níveis: aquele do estilo em que a Igreja vive e trabalha ordinariamente; aquele das estruturas em que a natureza sinodal da Igreja se expressa de forma institucional; e aquele dos processos e eventos sinodais em que a Igreja é convocada.

1 VIDA E MISSÃO DA IGREJA: UMA QUESTÃO DE ESTILO

O Papa Francisco está ciente disso: “Caminhar juntos - Leigos, Pastores, Bispo de Roma - é um conceito fácil de colocar em palavras, mas não tão fácil de colocar em prática” (FRANCISCO, 2015). Os caminhos sinodais e universais são a ocasião certa para enfrentar esta dificuldade, sabendo muito bem que para a Igreja a sinodalidade implica a questão de identidade. Eles nos colocam nesta perspectiva as três palavras escolhidas, como subtítulo do Sínodo 2021-2023: a Igreja é *comunhão*, que se exprime e ao mesmo tempo é cultivada com a *participação* de todos, mas não pode manter uma orientação interna, estando ao serviço da *missão*. Portanto, a sinodalidade, embora seja um termo relativamente recente, tem raízes muito profundas na tradição.

Limitamo-nos aqui a destacar que a prática da sinodalidade pode ser o modo de atualizar a eclesiologia do Vaticano II, começando com a ênfase no que todos os cristãos têm em comum, isto é, o batismo e a igual dignidade que dele deriva:

E se é certo que alguns por vontade de Cristo, são constituídos para os demais como doutores, dispensadores dos mistérios e pastores, reina afinal entre todos verdadeira igualdade, no que respeita à dignidade e à ação comum do conjunto dos fiéis para a edificação do corpo de Cristo (LG 32).

Assim como é comum a responsabilidade de levar adiante a missão de evangelização, ainda que com modalidades diferenciadas de acordo com a vocação de cada um. A riqueza e a profundidade desta comunhão, enraizada na dignidade batismal, tornam-se garantia da autenticidade da fé:

A totalidade dos fiéis, que possuem a unção que vem do Espírito Santo (cf. 1 Jo 2, 20 e 27), não pode enganar-se na fé, e manifesta esta

propriedade particular através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro, quando, ‘desde os bispos até aos últimos fiéis leigos’ manifesta consenso universal a respeito das verdades da fé e costumes (LG 12).

Em uma Igreja sinodal, a fé também significa caminhar juntos. Esta linguagem é significativa apenas para um número relativamente pequeno de pessoas, com certo grau de formação teológica. Por isso, luta para se tornar o motor da renovação da vida e das práticas eclesiais, especialmente nos níveis mais básicos. Então, um trabalho para empreender, por exemplo, na experiência sinodal da diocese de Santo André-SP, é recolher e relançar histórias e experiências, e buscar a inspiração de imagens capazes de transmitir a dimensão da sinodalidade de forma mais imediata e intuitiva. Em circulação existem várias, e de origem diferente - a pirâmide de cabeça para baixo, o poliedro, a Igreja-família, a canoa do n. 201 da *Christus vivit* etc. Mas, basicamente nenhuma é totalmente satisfatória ou bem-sucedida até agora para entrar na imaginação compartilhada da comunidade cristã.

Enfim, a plena recuperação da dignidade batismal de todos os fiéis impulsiona a aprofundar as relações com outras Igrejas e comunidades cristãs, procurando maneiras de ativar circuitos de sinodalidade por conta própria e, também, em comparação com outras. De fato, a profunda ligação entre sinodalidade e missão nos pede para ir ainda mais longe: não é possível promover o bem comum da humanidade sem caminhar junto com os homens e mulheres do nosso tempo, com os quais partilhamos “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias (GS 1), abrindo-nos ao diálogo e à possibilidade de aprender com eles.

2 ESTRUTURAS E AUTORIDADES: A LIBERDADE A SERVIÇO DA MISSÃO

O estilo de caminhar junto, se não quiser ser reduzido a um cativante *slogan* de marketing institucional e acabar gerando decepção e frustração, é chamado a animar também as estruturas e práticas eclesiais, bem como as tomadas de decisão, em chave autenticamente participativa, não para perturbar o existente, mas a serviço da missão. O Sínodo deve ser vivido profeticamente, pois representa um verdadeiro *kairós*. Também, graças ao potencial dos novos meios de comunicação, os jovens desenvolveram uma cultura que valoriza a participação e nutre isso quanto às expectativas precisas. De fato, uma das causas da remoção de muitos deles da Igreja deve, provavelmente, ser procurada na frustração dessas expectativas. O trabalho sobre as práticas e estruturas eclesiais não é apenas uma questão organizacional, mas implica identidade e missão.

Os pedidos de participação já previstos no *Código de Direito Canônico* representam um ponto de partida, mas certamente não esgotará todas as possibilidades, pois não podem ser padronizados globalmente. Faz-se necessária certa inculturação em diferentes contextos, também a partir do modo como se dá a participação, concretamente, em diferentes sociedades. Deste ponto de vista, as diferenças entre os continentes são notáveis, mas todos são chamados a medir-se e converter-se na contemplação de como nas histórias do Evangelho, o Senhor mostra sua autoridade e nas imagens com que fala dela. Esta é a base para ancorar

a criatividade: levará tempo para experimentar e avaliar os resultados. O caminho sinodal também constituirá uma oportunidade de experimentação estrutural.

Não é supérfluo sublinhar que estas são, em todo o caso, estruturas eclesiais, que devem continuar a articular essa dinâmica particular “um - alguns – todos”, que para a Igreja é tão constitutiva quanto a sinodalidade, mesmo que seja necessário compreendê-la em nosso tempo, libertando-a de incrustações de cima para baixo. Com efeito a relação, pastores e fiéis, baseada nos constantes relatos evangélicos, indica que não podem prescindir um do outro sem comprometer a relação de cada qual desses grupos com o Senhor. Sem os apóstolos, autorizados por Jesus e instruídos pelo Espírito, a relação com a verdade evangélica é interrompida e a multidão é exposta a um mito ou uma ideologia sobre Jesus, quer o acolha ou o recuse. Sem a multidão, a relação dos apóstolos com Jesus é corrompida em uma forma sectária e autorreferencial da religião.

Para afastar medos e mal-entendidos importa relembrar que a sinodalidade não envolve absorção dos dinamismos da democracia centrados no princípio da maioria. No entanto, isso não pode significar a exclusão da revisão das formas concretas de exercício da autoridade dentro da Igreja, especialmente se se encontram em conflito com o estilo sinodal que é chamado a assumir. De fato, o caminho sinodal da Igreja universal pode representar a oportunidade de focar na visão de autoridade como um ministério de comunhão. Quem o exerce é chamado a não impor seu próprio ponto de vista em virtude do papel hierárquico que ocupa, mas ser o garantidor da dinâmica de relacionamento e comunicação em que todos os membros do Povo de Deus - ninguém excluído - podem encontrar um lugar e se sentirem reconhecidos.

Um elemento importante diz respeito à participação efetiva das mulheres nos processos decisórios da Igreja, que não pode ficar fora desta “ordem do dia”, começando por aqueles através dos quais é realizada a missão de evangelização. É claro que a questão não pode ser reduzida, como às vezes acontece em algumas representações midiáticas, à presença de algumas mulheres entre os membros com direito de voto nas Assembleias do Sínodo dos Bispos, mas não há dúvida de que seja necessária uma atitude de profunda liberdade para avaliar estruturas já tão consolidadas.

3 CAMINHOS E MÉTODOS PARA CAMINHAR JUNTOS

A atenção ao plano de eventos e processos é, em última análise, uma forma de tematizar a relação de fecundidade mútua que une a vida e a organização ordinária da Igreja (daí seu estilo, suas estruturas e a forma como funcionam) e momentos extraordinários (eventos e sobretudo processos ativados pontualmente ou, em qualquer caso, de forma não contínua), que nos permitem focar em alguns pontos, como a natureza neste caso sinodal da Igreja. Se o extraordinário é desatado ou substitui o ordinário, a vida da Igreja torna-se uma sucessão de episódios desconexos; se o normal absorve o extraordinário, acaba-se prisioneiro da rotina e das lutas para captar os sinais dos tempos. Este parece-nos o sentido pelo qual, a um nível

universal propõem caminhos que se expandem no tempo, mas que não se resolvem na vida ordinária da comunidade, mas preveem compromissos definidos e sobretudo estruturados.

A estruturação do caminho, também com o uso de importantes ferramentas metodológicas, é uma questão de grande importância: por esta razão, pela primeira vez, o Documento Preparatório do Sínodo 2021-2023 é acompanhado por um *vade-mécum*, destinado a facilitar a tarefa dos responsáveis pela organização e animação das ocasiões de envolvimento das articulações locais da Igreja durante a primeira fase do percurso. Não se quer reduzir a sinodalidade a uma técnica organizacional e nem se pensa que um resultado autenticamente espiritual pode ser garantido por um conjunto de ferramentas metodológicas. No entanto, a ausência de um método impede a realização de certos objetivos, por exemplo, o efetivo envolvimento de pessoas que, por muitas razões, se acham às margens da Igreja e têm menos ferramentas para fazer ouvir a própria voz, começando pelos pobres, marginalizados e vulneráveis. Estes estão presentes em nossas comunidades, embora seu perfil sofra variações de lugar para lugar. Como aponta o *vade-mécum*, é necessário um esforço metódico para alcançá-los (cf. *Vade-mécum* 3.1); caso contrário, acionarão mecanismos de seleção desfavoráveis que acabarão por excluí-los novamente. A improvisação não ajuda e será essencial poder contar com o contributo de quem tem competências e experiências de como fazê-lo. Somente com um método bem pensado e bem aplicado será possível implementar essa indicação “de baixo, de baixo, de baixo” que o Papa quer como característica do caminho sinodal.

Sempre ao nível do método, será importante valorizar a fase de implementação, que só recentemente foi explicitamente introduzida na dinâmica sinodal. No interior, por exemplo, é necessário programar e projetar momentos precisos de verificação da implementação das decisões tomadas, que correm o risco de permanecer letra morta e, sobretudo, oportunidades de relançamento periódico da ação à luz dos resultados obtidos, confirmando o que funcionou e mudando aquilo se revelou ineficaz ou até mesmo um obstáculo.

4 TRANSGRESSÃO OU CONVERSÃO?

Refletir sobre o sínodo e a sinodalidade nos levou a abordar questões que, no contexto eclesial, não é exagero definir como escabroso, desde a ativação de processos de mudança para estruturas ainda não totalmente identificadas, ao que pode parecer uma “evaporação” dos limites da comunidade eclesial através do envolvimento de pessoas que se colocam nas suas margens ou mesmo fora, para terminar com a reinterpretação das formas de exercício da autoridade. Não é difícil entender por que a perspectiva do Sínodo desperta dúvidas, medos e resistências, que em algumas áreas são sentidas mais do que entusiasmo. Elas não devem ser subestimadas nem banalizadas, reduzindo-as a formas de oposição nos moldes da dinâmica entre partidos políticos opostos.

A fé exorta-nos a olhar com confiança para estas tensões. A Igreja já passou por momentos semelhantes e em seu DNA, ela tem as habilidades e ferramentas espirituais para fazê-lo novamente. Por esta razão, ela medita no capítulo 10 dos Atos dos Apóstolos, um

dos passos fundamentais que conduziram a comunidade primitiva ao Concílio de Jerusalém. Somos convidados a prestar atenção no caminho do apóstolo Pedro: só abrindo-nos à escuta e colocando-nos a caminho podemos descobrir que a missão da evangelização não tem fronteiras. Pedro teve de se render à evidência da ação do Espírito e abandonar alguns dos elementos que até então ele considerava essencial à sua identidade de crente: sentar-se à mesa com os pagãos e comer alimentos considerados impuros e proibidos pela ordem de Deus. Já uma visão divina lhe havia mostrado esse caminho, despertando apenas suas próprias resistências. O caminhar junto, por outro lado, os dissolveu. A mensagem é clara: se não cultivarmos a vontade de refazer os passos de Pedro, qualquer jornada sinodal se tornará um esforço improvável coroado por bem poucos sucessos. E as novas fronteiras da missão que o Espírito nos indica, permanecerão inexploradas.

A sinodalidade não é um caminho marcado pela partida e requer uma abertura ao inesperado de Deus que, escutando os outros, chega a tocar-nos, escutar-nos, modificar-nos interiormente. Caminho do discernimento em comum com uma assembleia enraizada na Eucaristia que toma consciência de si mesma e parte junto. A sinodalidade é fundamentalmente chamada à conversão para elaborar e produzir uma comunhão missionária a serviço do mundo. É um processo - um processo espiritual - que ocorre ao longo do tempo. Ele precisa de um enquadramento e de uma estrutura, mas, de modo mais fundamental, é o estilo particular que qualifica a vida e a missão da Igreja, expressando a natureza como caminhar juntos e reunir-se na assembleia do Povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus no poder do Espírito Santo para proclamar o Evangelho.

Com o Papa Francisco, que faz do Sínodo dos Bispos um instrumento importante de seu projeto de reforma da Igreja em vista de sua transformação missionária, a sinodalidade ganha maior amplitude e se desenvolve como uma visão dinâmica para a Igreja, uma Igreja centrada na misericórdia e na chamada à conversão permanente. A sinodalidade, a reforma da Igreja e a conversão são, portanto, intrinsecamente conexas. A sinodalidade, portanto, traz em si mesma, em sua própria prática e na sua realização, a chamada à conversão pessoal e comunitária. É um caminho de conversão espiritual e pastoral. Supõe, portanto, e requer atitudes espirituais, poder-se-ia também falar de uma espiritualidade da sinodalidade que é, de fato, uma espiritualidade de comunhão. Daqui a necessidade de a Igreja se tornar casa e escola de comunhão. Sem conversão do coração e espírito, e sem treinamento ascético ao acolhimento e à escuta mútua, as ferramentas exteriores da comunhão seriam de pouca utilidade e poderiam até ser transformadas em simples máscaras sem coração e sem rosto.

Para entrar em uma atitude correta de diálogo e partilha, que requer um tempo para falar com coragem e franqueza, ou seja, integrando liberdade, verdade e caridade e entrar na humildade da escuta, a sinodalidade requer interioridade e atenção aos movimentos dos espíritos em si mesmos e em grupo. A sinodalidade na Igreja não pode ser desenvolvida sem formar para o discernimento, porque pressupõe ser capaz de reconhecer aqueles frutos do Espírito que são também frutos da sinodalidade: alegria, a paz, entusiasmo missionário, comunhão, desejo de compromisso, amor aos outros e à Igreja.

5 O DESAFIO DE UMA AUTORIDADE JUSTA

Para trabalhar em todos os níveis da Igreja, tanto local como universal, a sinodalidade precisa de líderes capazes de orientar e acompanhar os processos sinodais. Porque, na esfera católica, não há sinodalidade sem primazia. Ampliando o discurso, já que a Igreja Católica contém estruturalmente um princípio hierárquico, podemos dizer que a sinodalidade não pode, portanto, desenvolver-se em todos os níveis sem o serviço da presidência. Este é, sem dúvida, um dos maiores desafios. Para implementar a sinodalidade, para implantar uma pastoral sinodal, a Igreja hoje precisa de pastores formados na sinodalidade que exercem um novo estilo de liderança que podemos caracterizar como uma liderança colaborativa, não mais vertical e clerical, porém mais horizontal e cooperativa. Uma liderança de serviço que traduz numa nova relação com o poder e numa nova forma de exercer autoridade que é concebida como um serviço da liberdade.

É sobre uma certa maneira de acompanhar colocando-se no meio dos outros, com eles, numa corresponsabilidade que busca autonomia e participação de todos. O que requer integração e implementação de um senso de autoridade visto como uma força geradora para libertar a liberdade e não como um poder de imposição. Na imagem do Papa Francisco, um modelo de liderança para uma Igreja sinodal, os líderes pastorais a serviço da sinodalidade, chamados a colocar-se juntos como pastores e como discípulos. São chamados a abraçar estas palavras de ordem: proximidade, disponibilidade, confiança, reciprocidade. Sem esquecer a responsabilidade de manter o objetivo da sinodalidade que é construir um povo, uma comunidade fraterna e missionária, a serviço do bem comum da sociedade.

Em conclusão, a sinodalidade como processo de conversão é, de fato, uma arte, a do discernimento que acolhe e designa a vida do Espírito para fazer da Igreja um barco em movimento. É a arte de uma Igreja que se deixa renovar para se tornar, cada vez mais, uma Igreja relacional, inclusiva, dialogante e geradora, de vida.

A exortação diz que “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade [...]” (EN 18). Portanto, persistimos na conversão interior, por ser uma exigência importante para o testemunho e compromisso com o Reino de Deus. O Papa discursa sobre algo fundamental nesse processo: “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados” (EN 22). É importante saber que a centralidade é o Filho de Deus. Ele nos mostrou o amor misterioso de Deus. Essa experiência é fundamental no processo de evangelização. Esse constitui o primeiro passo. Se quem escuta irá aderir à comunidade eclesial ou não é consideração para um segundo momento. O mais importante é anunciar Jesus Cristo e seu projeto de vida.

Essa preocupação tem uma conotação por demais maravilhosa: implica dizer que quem é evangelizado, faz a experiência com o Cristo e, em sua liberdade, também passa a evangelizar. Essa é uma lógica que não se contradiz. Quem acolhe o anúncio e faz a experiência, dá

testemunho, entrega-se pelo Reino. Muitas vezes pensamos que em matéria de evangelização o que é mais importante é falar, mas nesse ponto nos enganamos. A evangelização é um testemunho. Por isso, convém deixar claro que na evangelização o Filho de Deus quer salvar a todos a partir da misericórdia e graça de Deus mesmo. Pois, Deus faz uma aliança conosco. São elementos dessa aliança a concretização do amor, da fraternidade, do perdão e a ajuda mútua. É importante ressaltar esses elementos nas palavras do Papa:

A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais e símbolos; depois, não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria a sua vida real (EN 63).

A evangelização não faz o seu processo distante da realidade em que a experiência de Deus é anunciada. A pessoa que evangeliza procura dialogar com a Igreja particular; ela se incultura, deixando-se ser evangelizada também. Essa atitude quer construir um rosto de Deus a partir do que cada cultura oferece, nada desprezando, pois Deus valoriza cada cultura do jeito que ela é. Só respeitando o outro como outro é que se evangeliza. Precisa-se valorizar a inculturação, respeitando os valores do outro quando apresentamos a fé cristã.

Outro ponto importante é que a Igreja particular deve estar vinculada à Igreja universal. Na *Evangelii nuntiandi* só é possível acontecer uma verdadeira evangelização se a Igreja particular estiver em comunhão com a Igreja universal (cf. EN 64). É por isso, que se insiste tanto na ideia de que toda Igreja particular é chamada a evangelizar, a oferecer ao povo uma – não a única – experiência de salvação. Isso exige da Igreja e de seus membros uma preparação séria, onde seja possível anunciar Jesus Cristo, e não os méritos e títulos que a pessoa evangelizadora apresenta.

Gostaríamos ainda de ressaltar a importância da ação do Espírito Santo no processo de evangelização. A pessoa que evangeliza nada pode fazer sem a ação discreta do Espírito. Na *Evangelii nuntiandi* nº 75, temos uma teorização sobre a ação do Espírito. Sem essa força as motivações para a evangelização se tornam frágeis. O Espírito Santo é o agente principal da evangelização; “[...] de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma evangelização intenta promover na comunidade cristã” (EN 75). Nesse sentido, o Espírito é o protagonista da missão. A pessoa que evangeliza é tão somente seu instrumento na obra evangelizadora. Em matéria de evangelização, quais elementos podem ser destacados na *Evangelii gaudium* que estão em proximidade com a *Evangelii nuntiandi*?

CONCLUSÃO

O nosso trabalho discutiu a hipótese de que a sinodalidade é definidora da identidade da Igreja. A sinodalidade (conversação pastoral e de escuta) se faz urgente neste mundo secularizado, onde pouco se quer ouvir falar do Reino de Deus e da vida eclesial. Pois, se a escuta

das autoridades eclesiais não acontecer de modo justo e verdadeiro, seremos uma instituição como qualquer outra que o mundo secularizado apresenta, mas não a Igreja que se fundamenta em Jesus Cristo e nos apóstolos. A Igreja é esperança e, sendo assim, é preciso reavivar a fé e evangelizar de dentro para fora.

Os elementos constituintes da identidade da Igreja, quando assumida por todos não é tão difícil de perceber o seu campo de atuação. Sendo assim, voltamos para a dimensão interior da Igreja. Deixar-se ser evangelizado/a, e evangelizar constitui os pilares da missão. O compromisso evangélico está ligado com a mudança interior. Valoriza-se a inculturação, o outro. Uma evangelização em saída, em diálogo para a construção de uma igreja sinodal.

Com este trabalho, foi percebido que a sinodalidade também tem um movimento evangelizador interno. Isso trouxe novas implicações em matéria de evangelização. Ainda nos perguntamos se a Igreja não precisaria se desorganizar para se organizar em torno dos novos paradigmas do homem pós-moderno e deixar-se ser conduzida por uma mística da interioridade.

Portanto, a identidade da Igreja é evangelizar. É preciso ser iniciado nessa cultura. Pelo batismo, nascemos para uma Comunidade Eclesial. A consciência filial se forma a partir de um encontro com Deus. Isso a Igreja tem que proporcionar. Nesse sentido, constitui a nossa formação os ensinamentos de Jesus Cristo. Essa é uma experiência que, uma vez feita muda o nosso jeito de ser e de atuar no mundo.

Não há dúvida, porém, de que, quando se trata de estilo sinodal, a Igreja tem muito a aprender. Resta ver se o episcopado entra nessa dinâmica. Quando o Papa Francisco fala em “conversão do papado” (EG, n. 32), ele diz algo muito sério que, na lógica da sinodalidade, envolveria, em cascata, a conversão do episcopado, do presbiterado e do laicato, e a invenção de formas de participação na responsabilidade eclesial a serem descobertas e experimentadas hoje. Não basta a “conversão do papado”; é preciso que também os bispos, os párocos e os leigos entrem nesse caminho de conversão. E aqui cabe recordar e resgatar a tradição da Igreja no Brasil e na América Latina de uma experiência sinodal, embora com outros nomes, como assembleia de comunidades, assembleias paroquiais e diocesanas, quando bispos e padres se sentavam no meio do povo para ouvir e aprender. E aprender significa estar aberto para escutar o que gosta de ouvir e, também, escutar o que não desejaria ouvir. Se todos estiverem abertos a isso, a sinodalidade caminha para salvar a identidade da igreja e para um estilo de conversão.

REFERÊNCIAS

COMISSAO TEOLOGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html>. Acesso em: 04 mai. 2022.

CONCILIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen gentium*. Sobre a Igreja. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 04 mai. 2022.

CONCILIO VATICANO II. *Constituição pastoral Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 04 mai. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAPA FRANCISCO. *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em: 01 mai. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 01 mai. 2022.

PAPA PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1976.